

Aluna: Adriana de Souza Quadros
UFRGS.

O que lembrar e o que esquecer? Os desafios da educação patrimonial no contexto escolar.

O campo do ensino de História vem desenvolvendo um esforço no sentido de implementar ações educativas voltadas para os usos do patrimônio escolar. A escola é um lugar de intensa e dinâmica produção de significados que permanecem registrados de diversas maneiras, seja através de seus documentos, fotografias, arquitetura de seus prédios, de seus móveis, dos olhares de seus alunos e professores, funcionários, moradores do bairro que a circunda, enfim, a escola é também um lugar de produção de registros patrimoniais.

A proposta de atividade a ser descrita neste texto está relacionada as fontes escolares e seus usos para o ensino de história. As instituições escolares, ao longo dos anos, produzem e preservam documentos sobre alunos, professores e funcionários. Por força da lei, as escolas, precisam manter estes registros em seus arquivos de forma permanente. Além disso, pode-se encontrar outros vestígios do passado escolar de ordem afetiva e que excedem a determinação legal como fotos, reportagens, materiais produzidos por alunos entre outros. Estes documentos e objetos constituem o patrimônio escolar. Este patrimônio, muito próximo e presente do cotidiano escolar, no entanto, permanece desconhecido e silenciado, por diversos motivos, como a falta de pessoas responsáveis pela organização de um espaço adequado para acomodação e exposição do acervo.

O uso dos arquivos escolares e dos arquivos públicos para ações de educação patrimonial vem sendo tema de diversas pesquisas tanto na história quanto na arquivologia. Os arquivos públicos nos últimos anos, têm organizado e implementado projetos educacionais com o objetivo de atingir o público escolar e mostrar a importância da conservação dos documentos para a escrita da história. No

entanto, as saídas com os alunos para estes espaços precisam estar inseridas num processo dialógico com a escola. O arquivo e sua função não terá significado para o aluno sem que antes entenda as razões que levam a guarda e conservação de determinados documentos. As possibilidades de articulação das atividades educativas no arquivo com o ensino de história dependem de um trabalho contínuo de todos os profissionais envolvidos neste processo antes, durante e depois das visitas a estes espaços. Desenvolver atividades que relacionem o arquivo público com o arquivo escolar ajudam a romper com o discurso que elege os arquivos públicos como os únicos capazes de validar acervos como de valor permanente.¹ No entanto, nas instituições escolares a preocupação maior é com preservação dos documentos e menos com o acesso e disponibilidade destes materiais. Sendo assim, se faz necessário promover uma investigação dos locais e condições de uso destes registros com os alunos.

Estes registros tornam-se fontes históricas e falam a quem os fizer falar. Contém neste sentido a memória dos alunos e professores, pais e mães, diretores e supervisores que frequentaram e continuam frequentando aquele espaço. A nostalgia é um sentimento muito presente no contexto escolar. Conforme Frago:

(...)La memoria escolar, además, está ligada a la de los años de la infancia, adolescencia y juventud. Nada hay de extraño, antes al contrario, en el hecho de que las personas sientan nostalgia y busquen rememorar, a solas o junto con otras, dichos años. Un sentimiento muy humano, que aflora de modo natural ante la contemplación acrítica del libro con el que estudiamos, la fotografía escolar al uso, o cualquier otro objeto – cuadernos o trabajos escolares, pupitres, útiles de escritura, carteras, mapas, láminas, etc. – utilizado o producido en la enseñanza.²

Problematizar, relativizar e investigar estas diversas memórias pode se tornar uma forma de historicizar o lugar da escola para o aluno e do próprio aluno no seu

¹ Ribeiro, Raphael Rajão. Torre, Michelle Márcia Cobra. Educação Patrimonial e o Ensino de História em Instituições Arquivísticas. Ações educativas no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte. Acervo, Rio de Janeiro, v.25n.1 p.82. jan/jun.2012

² Frago. Antonio Viñao. La historia material e inmaterial de la escuela: memoria, patrimonio y educación. Educación, Porto Alegre V.35, n.1, p.7. jan./abr.2012.

tempo, não no sentido de conhecer para preservar, mas de uma série de ações e reflexões a respeito do patrimônio da escola e as suas possibilidades educativas. Ampliando a visão do educador e do educando acerca dos espaços de conservação e preservação da memória³. Porém, no momento em que reflexões como estas estão sendo formuladas, alguns problemas emergem: como trabalhar com o patrimônio da escola a partir de seu acervo documental? É possível, através da educação com o patrimônio escolar, aproximar os discentes do trabalho do historiador?

A proposta não está simplesmente em usar as fontes escolares como algo ilustrativo para as aulas de história, mas em resgatar o contexto de surgimento do documento e análise de sua trajetória até o presente. O fato de escolhermos aquele registro e não outro para atividade, as perguntas que faremos aquela ficha de aluno ou a ata de conselho de classe, são fruto de ações e estas ações devem ser historicizadas. A este respeito, afirma Le Goff: *“O documento não é inócuo. É, antes que nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também durante as quais continuou sendo manipulado, ainda que pelo silêncio.”*⁴ Portanto, o documento pode ser visto como um *monumento*: algo que não está naquele lugar fruto do acaso. As reflexões sobre os motivos que levam esta fonte a ocupar um espaço no tempo e na memória escolar, transformam estes registros em uma seleção de memória.

A memória é, muitas vezes, confundida com história dentro e fora do ambiente escolar. Durante as aulas, quando questionado sobre a função da história, é comum o aluno responder que serve para lembrar dos acontecimentos “importantes” do passado. Esta relação se dá pelo fato do passado servir de matéria-prima tanto para a história quanto para memória. O desafio é, portanto, investigar outras lembranças que não aquelas oficiais relativos ao ambiente escolar, geralmente identificadas às festas tradicionais, aos momentos cívicos, a foto com a professora e o restante da turma. A busca pelas memórias individuais silenciadas pelo coletivo como o cheiro da merenda, as brigas no recreio ou o beijo roubado do

³ Meiners, Carla Beatriz. Gil, Cramem Zeli de Vargas. Seffner, Fernando. Pereira, Nilton Mullet. Caderno Pedagógico de História. PIBID/UFRGS. Saberes e práticas de professores de História em Formação (2013)

⁴ LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: Editora Unicamp, 1992. p. 547.

colega. Reconhecer que as memórias são fruto de uma disputa e seleção de interesses, como afirma Michel Pollack: “(...) não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade.”⁵ A memória é fonte da história e como tal deve ser analisada e criticada a partir de questionamentos como: o que lembramos e por que lembramos? O que escolhemos esquecer?

A proposta a seguir tem como objetivo relacionar os conceitos de educação patrimonial, documento e memória a partir de um projeto de educação valorizando o acervo documental da escola.

Os caminhos do arquivo: envolvendo a escola em uma proposta de educação com o patrimônio.

A atividade a ser descrita foi elaborada pensando na realidade da Escola Estadual Fernando Gomes. Localizada na zona Leste de Porto Alegre, a escola completa em 2016 sessenta anos de sua fundação. Ao longo destas seis décadas acumulou uma série de documentos que se encontram de forma desorganizada em diferentes espaços da escola.

O projeto desenvolvido com o conteúdo: o ofício do historiador e as fontes históricas é ministrado ao longo do primeiro trimestre com turmas do 6º ano do ensino fundamental final. A opção por este público para a execução do projeto se dá pela necessidade de desenvolver atividades educativas que facilitem a aproximação com os conceitos necessário ao entendimento do conteúdo, ao mesmo tempo, que visa promover a interação e integração do educando ao patrimônio escolar.

O primeiro passo para entender a relação entre memória e história, é promover uma discussão com os alunos sobre a função do historiador e a importância das fontes históricas. Destacar que as fontes podem ser diversas e incluem desde documentos, imagens, objetos, espaços, costumes, etc. Encerrar este primeiro momento de reflexão com os alunos solicitando que, no próximo

⁵ Pollak, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, n.2 v.3, p.4, 1989.

encontro, tragam um objeto pessoal que considerem uma fonte histórica. Os alunos precisam justificar sua escolha para o restante da turma.

Após a exposição dos objetos e das justificativas encerramos esta etapa com uma discussão sobre a relação entre memória e história. Algumas questões são levantadas: existe diferença entre memória e história? Como selecionamos as nossas lembranças? É possível lembrar de tudo? O que foi considerado na seleção da fonte? O objetivo desta etapa é fazer com os alunos compreendam que a história é feita de escolhas de memória. Ao refletir sobre os motivos que o levaram a escolher um objeto em detrimento de outro para apresentar, o aluno entende que não é apenas o documento ou objeto que contribui para a escrita da história, mas as razões que estão presentes na escolha deste vestígio como fonte.

O segundo passo consiste em compreender o trabalho do historiador com fontes documentais. Os alunos assistem ao material preparatório oficinas tesouros do APERS disponível no youtube: <https://youtu.be/j8Gqo3vCis0>. O vídeo descreve os diferentes tipos de patrimônio e a importância de sua preservação para a história. Logo após analisam trechos do livro: A história dos Bairros de Porto Alegre, onde é possível conhecer a trajetória histórica da escola e sua relação com a comunidade escolar. A partir do contato com estas informações discutimos sobre o patrimônio público e o patrimônio escolar destacando que, no próximo ano, a escola completará seis décadas de fundação, representando um espaço pelo qual passaram diversas pessoas entre alunos, professores e funcionários, algumas bem próximas de seu convívio social como os irmãos, pais e avós. Estas pessoas conviveram na escola por um período de suas vidas e a instituição guarda diversos registros desta passagem. Algumas questões serão levantadas: onde estariam estes vestígios? Quais seriam as fontes disponíveis sobre estas pessoas que frequentaram a escola? O que estes vestígios nos contam sobre estas pessoas e sobre sua relação com a escola? Para responder a estas questões promovo uma visita à secretaria da escola e à biblioteca onde estão alguns destes documentos.

O terceiro passo consiste em conhecer e explorar o patrimônio documental escolar e público. Os alunos, divididos em grupos, irão analisar testamentos, cartas de alforria, cartas de liberdade e inventários oferecidos pelo APERS e fichas, atas,

fotos e outros documentos produzidos pela escola e selecionados pelo professor (a). Para esta análise preencherão uma ficha de investigação onde algumas perguntas serão feitas aos documentos. A ideia é que, através desta investigação, os alunos estabeleçam relações entre as diferentes fontes, onde e quando foram produzidas e suas possíveis aplicações para a escrita da história. Exemplos: Como um documento se torna histórico? O documento já “nasce” histórico? Quem produziu estes documentos? Qual história pode ser contada através destas fontes? Quais são os personagens presentes e quais os ausentes nestes documentos?

O quarto passo é conhecer e explorar outros espaços de educação patrimonial com uma visita ao APERS. A visita ao APERS e a participação na oficina os tesouros da família arquivo, abrem possibilidades para que o professor (a) possa elaborar questões, no retorno para sala de aula, envolvendo o patrimônio público arquitetônico e documental escolar. O interessante desta atividade é proporcionar ao aluno a interação com os diversos patrimônios percebendo que o arquivo público é apenas uma das formas que o patrimônio pode assumir, mas não é a única. Os documentos que estão no arquivo foram resultado de uma seleção, assim como, aqueles escolhidos e apresentados para turma na primeira oficina e os que permanecem na escola e foram analisados no momento anterior.

No quinto e último momento o objetivo é comparar os diferentes espaços de educação patrimonial compreendendo a importância da organização, preservação e divulgação dos documentos. Propor a organização do arquivo da escola com a participação dos alunos e da comunidade escolar, a partir das suas experiências no APERS e do contato com os documentos (escritos e/ ou imagens) produzidos na instituição. A organização do arquivo passa ser um espaço de experiência, de efetiva relação com o patrimônio e uma atitude política pois proporciona um debate acerca do que representa a ação de patrimonializar. Neste processo algumas questões são levantadas como: o que e como selecionar? O que está presente e o que está ausente nos documentos?

O objetivo desta atividade é dar significado ao que se produz na escola como fonte, ajudando a superar a visão de uma história pronta e acabada, construindo uma relação com o patrimônio local que permita compreender o seu caráter

dinâmico e político a partir das disputas que estabelece ao longo do tempo. Desta forma, muitos são os indícios que apontam para as possibilidades de trabalho com o patrimônio escolar, o que não significa que esta tarefa seja fácil, já que a maioria das escolas não dispõem de espaço adequado para organizar e manter estes registros. Como é possível trabalhar com o patrimônio numa perspectiva construtivista nas escolas, é a pergunta que fica. Mas ações educativas que envolvam o patrimônio escolar podem ser libertadoras, reveladoras e instigadoras, e apenas estas possibilidades já compensam a busca de respostas.

Bibliografia

FRAGO, Antonio Viñao. **La historia material e inmaterial de la escuela: memoria, patrimonio y educación**. Educação, Porto Alegre V.35, n.1, p.7. jan./abr.2012.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora Unicamp, 1992. p.547.

MEINERZ, Carla Beatriz. Gil, Carmem Zeli de Vargas. Seffner, Fernando. Pereira, Nilton Mullet (organizadores) . **Saberes e práticas de professores de História em Formação**. Porto Alegre. UFRGS, 2013. 76p. (Caderno pedagógico de história PIBID/UFRGS).

POLLACK, Michel. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, n.2 v.3, p.4, 1989.

RIBEIRO, Raphael Rajão. Torre, Michelle Márcia Cobra. **Educação Patrimonial e o Ensino de História em Instituições Arquivísticas. Ações educativas no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte**. Acervo, Rio de Janeiro, v.25n.1 p.82. jan/jun.2012.



XXVIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

LUGARES DOS HISTORIADORES: VELHOS E NOVOS DESAFIOS

27 A 31 DE JULHO DE 2015

FLORIANÓPOLIS - SC